

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

Índice

- 15 Editorial
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método
(1968-2000). Uma introdução
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):
objetivos e primeiros resultados
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados
preliminares de um projecto de investigação
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para
um balanço prospetivo
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

3. Gestão e salvaguarda

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

4. Pré-História

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus
universitário de Carcavelos
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação
futura a partir das recolhas de Abel Viana
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4^o milénio aos finais do 3^o milénio aC
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.
Comparações e análise
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados
disponíveis
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico
no ocidente peninsular – contributos para um debate
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos
do Porto Torrão
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,
Alentejo central)
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares
de casos de estudo
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve
revisão do registo faunístico
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração
(Porto de Mós, Leiria)
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise
multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados
arqueológicos
Ana M. Costa / M^ª. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia
do centro e Sul de Portugal
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interação: o caso de “Tartessos”
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).
Novos resultados
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação
de fachadas na Torre de Almedina
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/
Moderna
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo
de Almourol (1898)
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua
das Pedras Negras nº 21-28
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua
dos Correiros 158-168, Lisboa
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua
Direita, em Óbidos
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)
Anabela Joaquinito
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

AS «MARCAS DE OLEIRO» NA *TERRA SIGILLATA* DE VALE DE TIJOLOS (ALMEIRIM) E AS DINÂMICAS COMERCIAIS NO *AGER SCALLABITANVS* DURANTE O PRINCIPADO

Rodrigo Banha da Silva¹, João Pimenta², Henrique Mendes³

RESUMO

O sítio rural romano de Vale de Tijolos surge-nos mencionado por diversas vezes (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997), estando referenciado com o CNS 3110. Conhecido através de uma vasta dispersão superficial de vestígios cerâmicos, vítreos, metálicos e numismáticos, desconhece-se para já qualquer estrutura.

No Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira encontra-se depositada uma coleção de materiais arqueológicos proveniente do sítio rural romano de Vale de Tijolos, de que se seleccionaram para esta apresentação as «marcas de oleiro» na *terra sigillata*, 26 exemplares na sua maioria muito fragmentários. Estão representadas impressões efectuadas em fabricos de modo itálico, tardo-itálicos pisanos, sud-gálicos de La Graufesenque e hispânicos setentrionais, bem ilustrativos da elevada capacidade de aprovisionamento e da diversidade do fornecimento de que o local dispôs entre finais do séc. I a.C. e as primeiras décadas do séc. II d.C.

O balanço diacrónico do conjunto de «marcas de oleiro» permitiu esboçar o perfil de importações de Vale de Tijolos, e contrastar os dados com os com a mesma natureza do outro importante sítio rural de Azeitada e do centro redistribuidor regional correspondente à cidade de *Scallabis* (Silva, 2012), reavaliando os perfis regionais de consumo da *terra sigillata* nesta zona nevrálgica do Baixo Tejo português.

Palavras-chave: Arqueologia Romana, Terra Sigillata, Povoamento rural romano, «Marcas de Oleiro», Comércio Romano.

ABSTRACT

The Roman rural settlement of Vale de Tijolos was often quoted (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997), corresponding to national code site CNS 3110. It is known through a vast dispersion of finds, namely pottery, glass, metal artefacts and coins, but no constructive remains are known so far.

In Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (Vila Franca de Xira Centre for Archaeological Studies) is deposited a collection of materials from the site, «potter's stamps» on samian ware were being selected for publication: 26 individuals, mainly very incomplete. Italic fabrics, Pisan Late Italic, La Graufesenque and northern Spain are the groups present, illustrative of acquisition capacities and of diversity of supply available for the site, from mid Augustan to Hadrianic times.

Time span balance of chronologies associated to stamps allows to sketch imports profile of Vale de Tijolos, and to contrast it to data from nearby rural settlement of Azeitada and from the town of Santarém, the regional distributor centre (Silva, 2012), evaluating consummation pattern in the commercial vital zone of Lower Portuguese Tagus.

Keywords: Roman Archaeology, Terra Sigillata, Roman Rural Settlement, «Potter's Stamps», Roman Commerce.

1. CHAM – FCSH/UNL e UAç; rbd@fch.unl.pt

2. CEAX – Museu Municipal de Vila Franca de Xira; Uniarq; joao.marques@cm-vfxira.pt

3. CEAX – Museu Municipal de Vila Franca de Xira; henrique.mendes@cm-vfxira.pt

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Vale de Tijolos, Almeirim (Figura 1), corresponde ao CNS N.º 3110 da Base de dados Endovélico, sendo conhecido, na literatura arqueológica, pelos vastos vestígios de superfície datados de época romana, ainda hoje particularmente bem visíveis e que devem corresponder a uma *uilla* e à(s) sua(s) necrópole(s) (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997).

A ampla área de dispersão dos materiais arqueológicos espalha-se pelo topo e encostas de uma colina aplanada no topo que se debruça sobre o Vale de Tijolos, a nascente, e sobre o Pego da Rainha, a norte, alcançando uma área de cerca de 7 hectares de extensão (Henriques, 1982). Por si só, esta elevada amplitude sugere um elevado grau de destruição do arqueossítio.

As mais antigas referências ao sítio e suas putativas ocupações pretéritas remontam aos anos vinte do século passado. Em 23 de Fevereiro de 1923, é publicado no *Correio da Estremadura* um artigo de José Frazão de Vasconcelos intitulado “Alguns subsídios para uma monografia de Almeirim”, surgindo aí uma interessante referência à descoberta na Quinta de Vale de Tijolos ao “(...) achado de um púcaro de barro com cerca de 80 moedas de prata, romanas, dos Imperadores Tito, Vespasiano, Nerva, Trajano e Adriano” (Vasconcelos, 1923).

Em 1949, voltam a existir dados relativos a achados de materiais romanos decorrentes da realização de trabalhos agrícolas. De acordo com os dados transmitidos por Eurico Henriques, no *Levantamento Arqueológico do Concelho de Almeirim*, sabemos que terão sido então recolhidos uma ânfora completa e uma moeda do Imperador Calígula (Henriques, 1987). O mesmo autor refere ainda que “aparecem em determinados locais vestígios de fundações”, assim como relata a destruição de um túmulo romano na sequência do alargamento da área de estacionamento existente à entrada da Quinta, junto à Estrada Nacional n.º118.

É precisamente graças aos trabalhos promovidos na década de oitenta do século passado, que se recolheu uma significativa colecção de materiais arqueológicos, essencialmente cerâmicos, que se encontram depositados na sede da Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.

A acrescentar a esta informação, no Museu Nacio-

nal de Arqueologia preserva-se sob o Código MNAE 0535, uma ampla colecção de materiais arqueológicos provenientes deste arqueossítio. Poucos dados sabemos sobre essas recolhas, quem as efectuou e com que enquadramento. Preserva-se, porém, entre os materiais uma etiqueta manuscrita datada de 11/8/1964 e com a indicação de “Vale de Tijolo”.

Em meados dos anos noventa António Quinteira volta a chamar a atenção sobre o sítio, realizando aí trabalhos de prospecção arqueológica no âmbito da sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (Quinteira, 1996). Nesse estudo individualiza sob a denominação de Quinta de Vale de Tijolos uma estação arqueológica que define como *uilla*, e publica alguns materiais aí recolhidos, nomeadamente uma pequena mas significativa colecção de materiais metálicos (Quinteira, 1997).

No decorrer do Projecto de Investigação MOCRATE-Monte dos Castelinhos e a romanização do Baixo Tejo, voltámo-nos a debruçar sobre Vale de Tijolos e os materiais aí recolhidos, dispersos por diversos Museus. Nesse sentido, temos vindo a estudar estas colecções, nomeadamente o conjunto anfórico do qual já se publicaram as marcas, inserindo-se o presente trabalho nessa linha (Fabião *et al.*, 2016).

No decorrer daquelas investigações deparámo-nos com uma inesperada ocupação anterior, até ao momento desconhecida, datada de Época Proto-Histórica, em concreto da Idade do Bronze Final. A presença de algumas cerâmicas manuais, a par de um conjunto de braceletes em bronze, permitem atestar esta ocupação (Soares *et al.*, 2015).

A reanálise do espólio aqui recolhido reafirma a relevância que o sítio apresentou em Época Romana, com uma lata diacronia de ocupação. Uma primeira leitura parcial do conjunto da *terra sigillata* foi efectuada no âmbito da dissertação de doutoramento de um dos signatários (Silva, 2012: 626-631). Nela se estudaram três “marcas de oleiro”, e se abordaram e classificaram 172 outros elementos (79 NMI) itálicos, sud-gálicos e hispânicos, e se observaram outros africanos que permitiram aferir uma cronologia para a ocupação romana que se estende dos finais do século I a.C. ao século V d.C., pelo menos (Idem: 628-629, fig. 186).

Mais recentemente, os estudos em curso, nomeadamente das cerâmicas finas, das ânforas e do conjunto de metais, permitiram consolidar a hipótese de que o sítio romano terá surgido em momentos mais recuados, de meados do século I a.C., pelo menos. Estão ali

presentes as ânforas vinárias itálicas do tipo Dressel 1, ânforas do Guadalquivir dos tipos Ovóide 4 e 6, cerâmica campaniense, imitações em cerâmica cinzenta de formas de campaniense, paredes finas, etc. (Pimenta, Mendes e Henriques, 2014: 265). Entre o espólio metálico estão atestadas duas *glandes plumbeae* (Guerra e Pimenta, 2013: 58) e um quinário argênteo de *Augustus*, com cunhagem em Mérida (RIC I, 1a), encerrando uma datação de entre 25 a 23 a.C. (Pimenta, Mendes e Henriques, 2014: 265) (Figura 1).

2. BREVE ENQUADRAMENTO DE VALE DE TIJOLOS NA REDE DE POVOAMENTO DOS AGRI DE SCALLABIS

O acto fundacional da *colonia scallabitanana*, com probabilidade na década de 30 a.C. (Faria, 1999), comportou a criação de uma paisagem nova, sendo particularmente visíveis ainda hoje no aro de Almeirim os traços fossilizados do cadastro romano atribuído a este momento (Henriques, 1982; Quinteira, 1996; Mantas, 2012).

A forte presença militar itálica, que se prolongou após o momento da incorporação em 138 a.C. (Fabião e Pimenta, 2014), para além de ter favorecido a continuidade dos fluxos comerciais entrados pela foz do Tejo durante o restante do período republicano, forjou de igual modo na zona uma identidade cultural predisposta ao consumo de bens “à romana” (Silva, 2012), que a fixação na nova colónia de contingentes populacionais itálicos iria então consolidar em definitivo.

As evidências no sítio de Vale de Tijolos anteriores à dedução por Octávio são contudo evidentes (ver supra), e implicam uma ocupação do espaço bem mais antiga do que esta data, o que coloca problemáticas interessantes, e que estão todavia por resolver. De todas assoma, com mais alto significado, a explicação para como se articulou a implementação da centuriação colonial romana com os sítios manifestamente pré-existentes, alguns remontando mesmo à plena Idade do Ferro, de que Vale de Tijolos é tão-somente um exemplo regional. A questão assume uma dimensão superlativa, se se levar em consideração que os problemas que se põem para os *agri* escallabitanos se colocam, na mesma exacta medida, para o *territorium* de *Olisipo*, o que é o mesmo que dizer que muito pouco sabemos quer das circunstâncias históricas, como dos processos de integração, de toda esta vasta e relevante região tagana na esfera

romana, entre a tardo-república e o alto-império. Independentemente da severidade das lacunas no nosso conhecimento actual, Vale de Tijolos surge em associação de proximidade a um dos principais eixos estruturantes do povoamento romano da região, a via *Olisipo-Scallabis*, concretamente o seu divertículo pela margem esquerda do Tejo, que Vasco Mantas supõe provir do tronco comum através de uma travessia na zona do Escaroupim (Mantas, 2012). A importância vial desta variante mais meridional é manifesta, porque testemunhada por um número razoável de marcos miliários.

Na realidade, a escassez de povoamento romano assinalado no segmento da via que percorre a margem direita do grande rio após Alenquer, por Aveiras e até atingir Santarém, é altamente contrastante, por oposição, à elevada densidade e relevância das evidências arqueológicas associadas ao trajecto pela margem esquerda. Porventura a explicação para a existência dos dois traçados alternativos radique na melhor aptidão sazonal de um e de outro troço, sugerindo também os escassos dados disponíveis, datados do período republicano e anteriores, que o troço meridional equivaleria a um itinerário mais antigo.

Apesar dos muitos e variados dados, dispersos e fragmentários, é no momento impossível clarificar a dinâmica e as características específicas da ocupação romana de Vale de Tijolos, que com segurança assumiu uma simultaneidade de funcionalidades domésticas, produtivas e funerárias.

3. AS «MARCAS DE OLEIRO» NA TERRA SIGILLATA DE VALE DE TIJOLOS

As «marcas de oleiro» constituem um domínio específico de estudo em Arqueologia Romana, cuja pertinência se prende com a informação mais qualificada em termos cronológicos e de origem dos vasos que encerram (Silva, 2012).

No caso presente, amplia-se o conhecimento nesta matéria relativo ao local, de que se conheciam já três «marcas» (Silva, 2012: Sc.Ag.1-3), a que se juntam agora mais duas dezenas de exemplares inéditos. Vale de Tijolos ombreia, deste modo, com o sítio muito próximo de Azeitada (Almeirim), o assentamento do aro rural com mais ampla representação de impressões em todo o Vale do Tejo, um e outro com números muito superiores aos atingidos pelos arqueossítios análogos e muito mais bem trabalhados como Povos (Vila Franca de Xira), Frielas (Loures)

ou Freiria (Cascais), para apenas citar alguns casos. Em Vale de Tijolos quatro fabricos estão representados por «marcas» (itálico, tardo-itálico, sud-gálico e hispânico de La Rioja) que cobrem um espectro cronológico situado entre finais do séc. I a.C. e as primeiras décadas do séc. II d.C., adoptando-se a ordem indicada para a sua apresentação.

3.1. Produções de modo itálico

As produções de modo itálico em Vale de Tijolos estão representadas por 7 impressões, a mais antiga das quais se inscreve no período que medeia a mudança da Era e os primeiros anos do principado de Tibério, e a mais recente podendo atingir os primeiros do de Vespasiano, demonstrando a constância do aprovisionamento itálico à região, já observada no Vale do Tejo em *Olisipo*, *Scallabis* e respectivos *agri* (Silva, 2012).

Trata-se no caso, e conforme ao perfil regional, de um abastecimento fragmentário quanto aos centros abastecedores, onde se fazem representar quer as duas principais produções atestadas nas hispânicas, a corneliana de Arezzo e a do grupo dos ateianos de Pisa, quer oficinas bem mais limitadas na sua dimensão e capacidade. Constata-se, de igual modo, uma rica diversidade geográfica de origens dos vasos, estando presentes Arezzo, Pisa, Pozzuoli e Scoppieto, pelo menos, o que não deixa de ser sintomático considerando o número limitado de exemplares.

1 – *Auillius* (OCK 371)

Sob o nome *Auillius* se abriga no OCK um conjunto de impressões maioritariamente do Centro da Itália que poderá não corresponder a um único oleiro, o que melhor explicará o lapso longo de laboração indicado, de 20 a.C. a 40 d.C. Contudo, e como o próprio *corpus* adverte, a maioria da produção repertoriada data já do principado de Tibério, estando bem representada nos contextos de Dangstetten e Loyasse-Lyon (OCK).

No caso presente, a impressão é do modelo *in planta pedis*, equivalente ao tipo OCK 371.28, portanto situável entre 15 e 40 d.C.

2 – *Publius Cornelius* (*P. Cornelius* (2)) - OCK 624)

A produção de *Publius Cornelius* teve lugar em Cincelli, nos arredores de Arezzo, onde a *officina* tinha as suas instalações e onde laborou um elevado número de elementos servis que também assinaram a produção, que compulsou quer vasos lisos quer decorados.

Possuindo uma das mais longas laborações, iniciada cerca de 20 a.C. e terminada pouco após 40 d.C., como a investigação vem de há muito assinalando, os vasos cornélios parece terem tido nas Hispânicas um dos seus mercados preferenciais (Kenrick-OCK; Silva, 2012).

A impressão de Vale de Tijolos foi feita em cartela circular, de que resta metade porque cerceada. Mostra um P isolado, horizontalizado em relação ao desenvolvimento do texto, ladeado à esquerda por palma, e somente as duas letras finais LI de um texto que corria ao longo do bordo da cartela. O modelo da impressão, a grafia e a ornamentação interna têm paralelo no grupo OCK 624.51-58 (OCK: 192), mas não corresponde a nenhum dos exemplos, pelo que constitui um novo tipo de impressão do oleiro.

De um ponto de vista cronológico o modelo de «marca» situa-se entre os finais do principado de Augusto e os inícios do de Tibério, período em que as principais oficinas itálicas experimentam e desenvolvem novos modelos de impressão (circulares, ovais, polifóleos, triangulares,...), mas antes do pleno principado do último imperador mencionado, quando o tipo *in planta pedis* se constituiu como o normalizado.

3 – *L. Crispus* (OCK 711)

L. Crispus é um oleiro arretino de pequena dimensão, produtor de loiça lisa, e que terá laborado entre 1 e 20 d.C. (OCK: 208).

A impressão rectangular de Vale de Tijolos, executada sobre prato, poderá equivaler ao modelo OCK 711.6, mas infelizmente o *corpus*, aquando da sua elaboração, não dispunha de desenho.

4 – *Ennius* (OCK 761)

Ennius é um dos oleiros de maior capacidade de compulsão de vasos de *Puteolis*, tendo um período de laboração longo (OCK: 215).

O pequeno fragmento do fundo de taça de tipo indeterminável ostenta uma impressão equivalente ao modelo OCK 761.4, mas o espaçamento à direita da impressão ribatejana mostra-se mais “apertado” do que a versão constante no *corpus*.

5 – *L. Plotius Por()* (OCK 1485)

A oficina dos *Plotii* estava situada num esporão bem internado para o interior do Vale do Tibre, em Scoppieto (Terni, na Úmbria), e constitui um dos casos mais excepcionais de entre a produção itálica

porquanto o pequeno centro produtor foi descoberto em data recente e tem sido objecto de intenso trabalho arqueológico, sendo aliás a única olaria itálica de que por isso se conhecem bem as estruturas produtivas e as espacialidades arquitectónicas (Bergamini, 2003, 2016). Noutro sentido, a pequena dimensão da olaria permite bem determinar o processo de difusão dos vasos, que percorriam o Vale do Tibre até Roma e Óstia, onde se encontram muito bem representados, e a partir destes locais foram também embarcados para os espaços do Mediterrâneo Ocidental Europeu e para a fachada Atlântica, onde se encontram quer na Lusitânia Ocidental, quer na *Germania Inferior* (Bergamini, 2016).

Embora as olarias tenham produzido uma miríade de elaborações, desde as cerâmicas de verniz negro à cerâmica comum, o essencial da produção da *terra sigillata* de Scoppieto ocorreu sob a direcção de dois irmãos, *L. Plo(tius) Soz()* e *L. Plo(tius) Por()*, o último dos quais nos surge agora nos agri escalabitanos numa «marca» *in planta pedis* do tipo OCK.1485.6. Um, ou o outro, havia sido já identificado antes em Lisboa (Silva, 2012: Ol.193), demonstrando não se tratar de um epifenómeno.

A data da impressão do sítio dos *agri scallabitanus* inscreve-se na cronologia geral da compulsão de *sigillata* de Scoppieto, entre o 2º e o 3º quartos do séc. I d.C., especialmente activa nos principados dos Imperadores Cláudios (OCK: 333; Bergamini, 2003, 2016).

6 – *Xanthus (2)*=*Cneus Ateius Xanthus* (OCK 2536=OCK 316)

A história de *Xanthus* é bem conhecida e inicia-se já no momento da transferência das grandes oficinas de *Cneus Ateius* de Arezzo para a foz do Arno, para Pisa, ocorrida cerca de 5 a.C. (Kenrick,). Aí laborando como elemento servil, assumiria mais tarde com *Mahes*, *Zoilus* e *Mahes* papel de coordenação da produção, assinando já como *libertus* e compulsando quer vasos decorados quer lisos, como é o caso (Idem).

A impressão de Vale de Tijolos, XA[NTHI] apresenta-se no fundo de pequena taça, inscrita em cartela *in planta pedis*, equivalendo ao modelo 2536.126 (OCK:509). Pode, por essa razão, atribuir-se-lhe uma cronologia de 15-40 d.C.

7 – *Vmbricius (1)* (OCK 2441)

A assinatura é adscrita a Arezzo, entre 10 a.C. e os meados do séc. I d.C., podendo albergar mais

que um indivíduo. No caso presente, a impressão truncada aproxima-se dos exemplares circulares OCK.2441.74-75, podendo corresponder-lhes mas está borrada. Dado o tipo de cartela, deverá equivaler a produção tardo-augústea ou tibéria inicial.

8 – Oleiro não identificável = cartela muito truncada Publicada antes (Silva, 2012: Sc.Ag.1), a única “marca de oleiro” em produções itálicas não atribuída a um oleiro equivale a um exemplar muito fragmentado e ilegível de marca bilinear, o tipo mais corrente em época augústea a partir da segunda década antes da Era, impresso no fundo interno de um fundo de taça Consp.B.2.5, morfologia associada a tipos corrente nas duas décadas centrais em torno da Era.

3.2. Produções tardo-itálicas

As produções denominadas tardo-itálicas, com proeminência para a pisana, assinalam nova presença na Península de Lisboa, depois de ter ficado claro que esta produção, embora em muito limitados números, atinge com frequência esta área da Lusitânia costeira ocidental (Silva, 2012).

9 – C.P.PI(*sanus*) (OCK 1342)

O OCK repertoria mais de uma dezena de punções daquele que é reputado como “o primeiro oleiro tardo-itálico”. Esta diversidade de modelos implica uma produção de alguma escala iniciada em torno de 50 d.C., aspecto que se esbate quando se considera a longevidade do oleiro, que atinge o final do primeiro século da Era (OCK).

A impressão de Vale de Tijolos, apesar de se encontrar truncada, é atribuível ao oleiro de Pisa, com base em vários argumentos: em primeiro lugar, a inter-punctuação triangular que ostenta é um traço paleográfico muito característico das marcas de C.P.Pi(*sanus*); em segundo lugar, merece o mesmo comentário a forma arcaizante da grafia do P, de cabeça aberta, que, embora não exclusiva é recorrente na mesma *officina*; por fim, a associação de ambas as características ao formato em *tabella ansata* de dimensão maior, menos comum nas “assinaturas” das olarias da Península Itálica, como ao tridente com que termina a inscrição, tornam a atribuição ao oleiro irrefutável.

Vários dos modelos de C.P.Pi(*sanus*) repertoriados no OCK mostram-nos um elemento final que se segue ao texto: um coração, uma seta, uma *hedera*. O tridente está, todavia, ausente. Trata-se, portanto,

de um novo modelo de assinatura do oleiro, permitindo desfazer as dúvidas colocadas a propósito de um exemplar absolutamente idêntico de Lisboa, idêntico (Silva, 2012: Ol.192). Noutro sentido, este aspecto é muito revelador, pois a ocorrência de ambas impressões conecta categoricamente o sítio ribatejano com o grande porto do Tejo.

O fragmento é demasiado pequeno para se poder propor uma morfologia concreta. Todavia, o perfil muito robusto denunciado pela espessura da parede, como a dimensão e formato da cartela da «marca», denunciam tratar-se de prato ou pratel. Do mesmo modo, as características já plenamente “tardias” de revestimento e pasta afastam o prato de Vale de Tijolos dos outros exemplares de *C.PPI(sanus)* repertoriados em Lisboa (Silva, 2012: Ol. 1, 257 e 258), aparentemente mais situados no período de transição.

3.3. Produções sud-gálicas

No sítio de Vale de Tijolos estão presentes apenas vasos preservando impressão oriundos do grupo de La Graufesenque, o que corresponde ao quadro regional já conhecido (Silva, 2012), sendo neste domínio o fabrico que atinge maior número de «marcas», com metade do total do conjunto.

10 – *Crestus i* (NOTS, 3: 189)

O oleiro iniciou a sua actividade nos finais do principado de Nero, permanecendo em laboração até Domiciano (NOTS: 189).

A impressão está muito “borrada”, sendo muito semelhante a NOTS 8d, mas não igual. Foi executada no fundo de uma taça de tamanho médio Drag.24/25, de perfil robusto.

11 – *Maccarus i* (NOTS, 5: 159-169)

O oleiro é um dos mais prolixos da produção rutenana de La Graufesenque, tendo estado activo no período do arranque da grande exportação, ainda com Tibério e depois, com Cláudio e Nero, cessando antes do final do principado deste último (NOTS: 168).

A grafia de *Maccarus i* utiliza com frequência nexos MA, mas no caso o que se observa é um nexos MAC, a que se seguem vestígios de um A, pelo que se trata de novo modelo de impressão, executado no fundo de prato, quase certamente um Drag.18 pela obliquidade acentuada do fundo.

12 – *Murranus i* (NOTS, 6: 181-196)

Murranus i teve elevada capacidade produtiva, de-

envolvida ao longo de um período de actividade de alguma longevidade, tendo iniciado a sua produção cerca de 45 d.C. e operado até ao pleno principado de Domiciano (NOTS: 193).

A estampilha foi mal impressa, tendo ficado desvanecidos os caracteres centrais, o que dificultou a leitura. Corresponde a uma cartela muito fina, onde se inscreveram caracteres delicadamente traçados, dos quais se divisam nitidamente dois Rs e os vestígios em haste oblíqua de um A final e dois caracteres anteriores, MV, faltando a expressão inicial OF. Assemelha-se, por isso, ao modelo NOTS 15d, não lhe equivalendo todavia. A encerrar uma cronologia compatível com o modelo ao qual se aparenta proximamente, e por este ter ocorrido no Keramiklager de Oberwinthertur, deverá situar-se já no principado de Vespasiano ou após este.

As dimensões da cartela adequavam-se ao pequeno tamanho da tigela onde foi aposta a impressão, uma Drag. 24/25.

13 – *Sabinus iii* (NOTS, 8: 15-29)

Sabinus iii é um dos oleiros de maior capacidade de compulsão de vasos rutenos, tendo estado activo em La Graufesenque entre c. 50 e 80 d.C. (NOTS, 8: 27), sendo aliás de forma bem destacada o mais representado fornecedor de *sigillata* sud-gálica do Vale do Tejo (Silva, 2012).

No caso presente atesta-se a impressão do modelo NOTS 20a, somente assinalada em Saint-Georges-de-Rennes, na Gália, e em Vechten, na *Germania Inferior*, no fundo de tigelas Drag. 24/25 e Drag.27g, como é o caso. A modelação do pé denuncia uma cronologia já avançada, o que está de acordo com as características do revestimento.

14 – *Silvinus i* (NOTS, 8: 310-313)

Oleiro flávio, *Silvinus i* terá laborado 70 e 100 d.C. A impressão de Vale de Tijolos equivale ao tipo NOTS 9a, repertoriada no próprio centro produtor mas também em Xanten, Wissbaden, Vechten, Londres, Caerwent, Colchester, Wainborough, no forte de Caerleon, em Wroxeter, Cirencester, Richborough, e por uma vez na Gália, em Bregny. Em quase todos os casos a impressão foi aplicada no fundo de pratos Drag.18, como é o caso presente, mas também com frequência em Drag.18R, existindo somente um caso em que foi feita sobre Drag.27 e um outro sobre Drag.33 (NOTS, 8: 311-312).

15 e 16 – *Vitalis ii* (Polak 354-358).

A impressão n.º 15 foi já objecto de estudo anterior (Silva, 2012: 631), e destaca-se o facto de ter sido executada no fundo de uma taça decorada da forma Drag.29.

Já o n.º 16 equivale à impressão executada no fundo de um prato Drag.18, de perfil robusto, com o texto [OF].VIIA, sendo que do carácter final se divisa somente a haste oblíqua esquerda, por exaustão do punção.

17 – Grafomorfo

As impressões grafomorfas são frequentes na produção de La Graufesenque. Todavia o seu estudo mais detalhado está ainda por fazer, existindo em Vechten um elevado número de modelos bem datados, trabalhados por Marinus Rien Polak (2000). O exemplar presente não encontra, porém, paralelo seguro com estes, por estar em falta a outra metade do fundo do prato e da cartela respectiva. A despeito desta circunstância, as características de modelação do fundo do prato Drag.18 autorizam uma datação dentro de um espectro Cláudio-Vespasiano.

O aspecto mais extraordinário do exemplar presente reporta-se, todavia, ao pequeno e cuidado grafito inscrito na parede externa do fundo, nas proximidades do pé: trata-se do numeral VIII, perfeitamente isolado, desconhecendo-se se, na outra metade do fundo, algo mais fora grafado.

Ora, a gravação de textos no fundo interno em contextos de consumo está normalmente associada a “marcas de posse”, equivalendo na maior parte dos casos a elementos onomásticos, abreviados ou desenvolvidos (vide caso dos n.ºs 19, 21 e 23 de Vale de Tijolos, abaixo), geométricos (cruciformes, polifóleos, ...) ou estilizações filiformes, sendo os numerais extremamente raros. Em casos muito excepcionais, após o numeral o texto nomeou categoricamente o numeral como indicativo do preço do vaso, o que acontece somente em dois casos conhecidos: num prato da 2ª metade do séc. II d.C. do tipo Lud.Tb ou Ta, de Salzburgo, com o texto “AS XII” (Kovacsovic, 1987 *apud* Quaresma, 2003: 79), e numa taça decorada Drag.37, de meados do séc.II d.C. de *Flauia Soluia*, também na Áustria, com um texto mais desenvolvido e indicando 20 asses como o preço do vaso (Noll, 1972 *apud* Quaresma, 2003: 76).

Portanto, o numeral VIII grafado no fundo do prato de Vale de Tijolos poderá, sem que se o possa garantir em absoluto, equivaler ao custo em asses

de um prato Drag.18 na Lusitânia ocidental, sendo um valor consentâneo com os raríssimos preços que conhecemos para elementos vasculares desta natureza.

18 a 22 – Oleiros não identificáveis = Cartelas muito truncadas

O grupo de cartelas muito truncadas integra 3 pratos e uma pequena tigela, e em apenas dois exemplares se divisam ainda caracteres: o n.º 18 permite ler a parte final de um texto com um E de hastes horizontais alongadas, mostrando-se o restante da extremidade da cartela desvanecido; o n.º 19, por seu turno, é um fundo de Drag.18 com a extremidade direita da cartela, onde se lê somente o S terminal da onomástica, devendo assinalar-se que ostenta parte de um grafito no fundo externo onde se vê uma haste vertical e lê um P.

Os n.ºs 20 a 22 permitem vislumbrar somente vestígios da impressão, equivalendo o primeiro a uma pequena tigela Ritt.8 ou Drag.24/25 e os restantes, de novo, a pratos Drag.18.

3.4. Produções hispânicas setentrionais

A representação de fabricos de *sigillata* hispânica assinados em Vale de Tijolos documenta somente os oriundos de La Rioja, estando ausentes as elaborações andujarinas, doutra forma atestadas no local (Silva, 2012).

Somente 4 impressões foram repertoriadas, reforçando a sua representação o oleiro setentrional mais documentado na Península de Lisboa, *Lapillus*, e acrescentado-se-lhe agora *Firmus Tritiensis*.

23 – *Firmus Tritiensis* (Bustamante 683)

A impressão foi executada no fundo interno de uma pequena taça, que tanto pode equivaler a uma Drag.27 como a uma Drag.33.

À cartela falta a porção esquerda, restando o texto (...)MI.TRITO que se atribui sem dificuldades ao artesão riojano em epígrafe, sem que todavia se tenha encontrado paralelo exacto para a impressão na bibliografia (Mayet, Sáez Preciado e Saéz Preciado, 1999; Bustamante Alvarez, 2010).

Firmus Tritiensis ocorre com várias impressões na grande lixeira urbana emeritense escavada na Calle Almendralejo n.º 41, sendo um dos seis oleiros do top da capital lusitana, com *Attius Britto*, *Attius Festus*, *Lapillus*, *Sempronius* e *Valerius Paternus*, grupo que forneceu metade do aprovisionamento hispano

ali documentado, (Bustamante Alvarez, 2010: 668). No referido local surge 1 vez em contexto vespasiano, 14 vezes em estratigrafias datadas de 80-90 d.C., 9 vezes em 90-100 d.C., 1 vez em 80-100 d.C. e outra em meados do séc. II d.C., considerando a investigadora espanhola que este último equivalerá a um elemento “residual”, e situando a actividade de *Firmus Tritiensis* entre 80 e 100 d.C., o que parece ajustado (Idem: 683).

24 e 25 – *Lapillius* (Bustamante 547-552).

Lapillius é um dos produtores riojanos de maior capacidade produtiva, tendo desenvolvido a sua actividade oleira nas olarias de Trício e El Quemao ao longo de um período lato que não se consegue precisar melhor no momento, entre 70 e 150 d.C. (Bustamante Álvarez, 2010: 759, fig. 331).

As lacunas nos *corpora* hispânicos impedem-nos de fixar paralelos-tipo.

Produtos do oleiro estavam já presentes no Vale do Tejo em Lisboa (Idem: Ol.404), na Quinta da Barradinha (Alenquer- Idem: Ol.Ag. 11), Santarém (Diogo, 1984: 120; Viegas, 2003: 159 = Silva, 2012: Sc.26 e 32) e Azeitada (Almeirim- Silva, 2012: Sc.Ag.23).

26 – Oleiro não identificável = Cartela muito truncada
O exemplar apresenta a parte central de uma cartela de caracteres bem desenhados e espaçados onde somente se lê parte de um P e um R, não se tendo conseguido repertoriar impressão exactamente equivalente, inviabilizando deste modo a identificação do oleiro.

O pequeno fragmento mostra o característico “ressalto hispânico” no fundo externo de uma tigela de tamanho médio ou pequeno.

(Figuras 2, 3 e 4)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indicadores do perfil de consumo de Vale de Tijolos aferidos a partir das «marcas de oleiro» em *terra sigillata* evidenciam uma probabilidade maior de importação a partir de 20 a.C., quando aportam os fabricos de Arezzo, sendo notório o aumento da capacidade aquisitiva deste modo demonstrada nos finais do principado de Augusto, quando os valores sobem significativamente. A partir de Tibério, porém, os problemas sentidos no comércio são evidentes, sendo um dos seus reflexos prováveis a quebra intensa das exportações oriundas dos centros maio-

res da Península Itálica, aproveitando esta janela de oportunidade centros com outras localizações, nomeadamente laciais e campanos, aspecto que se traduz numa maior diversificação de origens.

Não sendo a quebra tibéria tão intensa em Vale de Tijolos como noutros locais da região, como *Scallabis* (Viegas, 2003; Silva, 2012) ou *Olisipo* (Silva, 2012), a baixa equivale a uma estabilidade nos indicadores que se irá prolongar até Nero, quando os números do consumo dispararam para ultrapassar nitidamente os máximos tardo-augústeos e tibérios iniciais (Figura 5).

Com alguma peculiaridade, porque nisto se distingue do vizinho sítio de Azeitada ou de Lisboa e seus *agri* como um todo (Silva, 2012), Vale de Tijolos mostra o seu *floruit* transmitido por impressões já com Vespasiano, quando se fazem chegar contingentes relevantes de vasos de La Rioja que acompanham os rutenos, cuja importação ainda permanece com vitalidade. Todavia, a partir da década de 80 d.C. o colapso dos números ir-se-á arrastar ao longo do principado de Domiciano, para perder entidade a partir dos meados do de Trajano. Claro está que esta leitura, mais do que traduzir as dinâmicas comerciais, reporta-nos a perda do hábito epigráfico, mas não deixa de traduzir uma quebra efectiva no consumo na primeira metade do século II d.C., que se traduz de outras formas pelo cessar das exportações de La Graufesenque, pela desagregação do modelo Flávio praticado no grupo de La Rioja ou se manifesta na fragilidade das importações africanas neste período que se atestam na região, e que se percebem nos valores de *Scallabis* (vide Viegas, 2003).

(os autores escrevem com a ortografia antiga, anterior ao actual acordo ortográfico)

BIBLIOGRAFIA

- BERGAMINI, Margherita (2003) – “Una prodizione firmata Marcus Perennius Crescens a Scoppieto”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Ata*, 38. Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautorum, pp. 133-144.
- BERGAMINI, Margherita (dir.) (2016) – *Scoppieto, IV/2, I material. Terra sigillata liscia, punzoni e matrici*. Roma: Edizioni Quazar.
- DIOGO, A. Dias (1984) – “O material romano da 1ª Campanha de Escavações da Alcáçova de Santarém”, in *Conimbriga*, 23. Coimbra, pp. 111-141.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; ALMEIDA, J.; ALMEIDA, Rui; PIMENTA, João; FILIPE, Vitor (2016) – *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida)*. Lisboa: Union Académique Internationale, Academia das Ciências de Lisboa, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Corpus Internationale des Timbres Amphoriques*, Fascicule 19).
- FARIA, António Marques de (1999) – “Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, n.º 2. Lisboa: pp. 29-50.
- GUERRA, Amílcar; PIMENTA, João (2013) – “Os projéteis de funda do Monte dos Castelinhos e a dispersão destes materiais no território português”, in *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa e Vila Franca de Xira: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 47-58.
- HENRIQUES, Eurico (1982) – *Elementos para a Carta Arqueológica do Concelho de Almeirim*. Almeirim. Texto dactilografado. 19/12/82. Processo 82/1 (242) IGESPAR.
- HENRIQUES, Eurico (1983) – “Balanço da 1.ª Exposição Arqueológica”, in *Jornal Almeiricense*. Almeirim. 1/1/83.
- HENRIQUES, Eurico (1987) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Almeirim*. Almeirim. Processo 82/1 (242) IGESPAR.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique; HENRIQUES, Eurico (2014) – “O Acampamento militar romano do Alto dos Cacos – Almeirim”, in *CIRA Arqueologia*, 3, *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira, pp. 256-292.
- QUARESMA, José Carlos (2003) – *Terra Sigillata Sud-Gálica num Centro de Consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Miobriga?)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 30).
- QUINTEIRA, António (1996) – *Scallabis, análise contextual e perspectivas de estudo*. (Dissertação apresentada à Universidade do Minho para obtenção do grau de Mestre). Braga: Universidade do Minho (policopiado).
- QUINTEIRA, António (1997) – “Estação arqueológica de Vale de Tijolos, Almeirim”, in *Munda*, 34. Coimbra: pp. 23-30.
- QUINTEIRA, António (1998) – “Estação arqueológica da Azeitada (Almeirim)”, in *Conimbriga*, 37. Coimbra: pp. 151-183.
- MANTAS, Vasco Gil (2012) – “A estrada romana de Olisipo a Scallabis. Traçado e vestígios”, in *CIRA Arqueologia*, 1, *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis» – A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira, pp. 4-28.
- NOLL, R. (1972) – “Eine Sigillateschüssel mit Eigentumvermerk und Presieangabe aus *Flauia Soluia*”, in *Germania*, 50. Frankfurt: pp. 148-152.
- KOVACSOVICS, W. (1987) – “«As XII» – Eine Preisengabe auf einem Sigillata-Teller aus Salzburg”, in *Germania*, 65. Frankfurt: pp. 222-225.
- SILVA, Rodrigo Banha (2012) – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa* (Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em Arqueologia). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria Fátima; VALÉRIO, Pedro; PIMENTA, João (2015) – “Composição elementar de artefactos metálicos de Vale de Tijolos e da Eira da Alorna (Almeirim): A metalurgia do Bronze Final no território nacional”, in *CIRA Arqueologia*. 4. Vila Franca de Xira, pp. 11-18.
- VASCONCELOS, J.F. (1923) – “Alguns subsídios para uma monografia de Almeirim”, in *Correio da Estremadura*, N.º 1672, de 23 de Fevereiro de 1923.
- VIEGAS, Catarina (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém- Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 26).

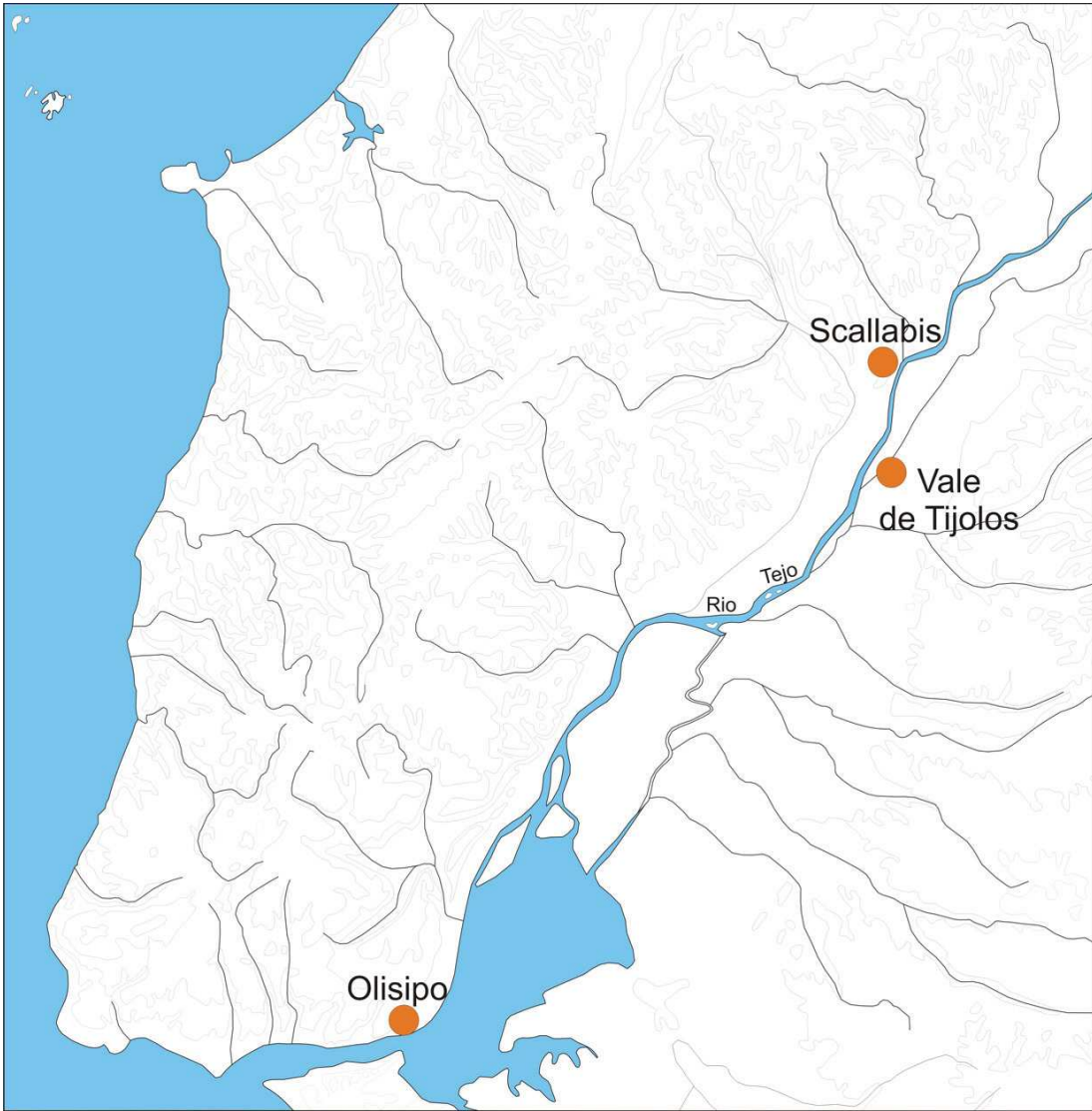
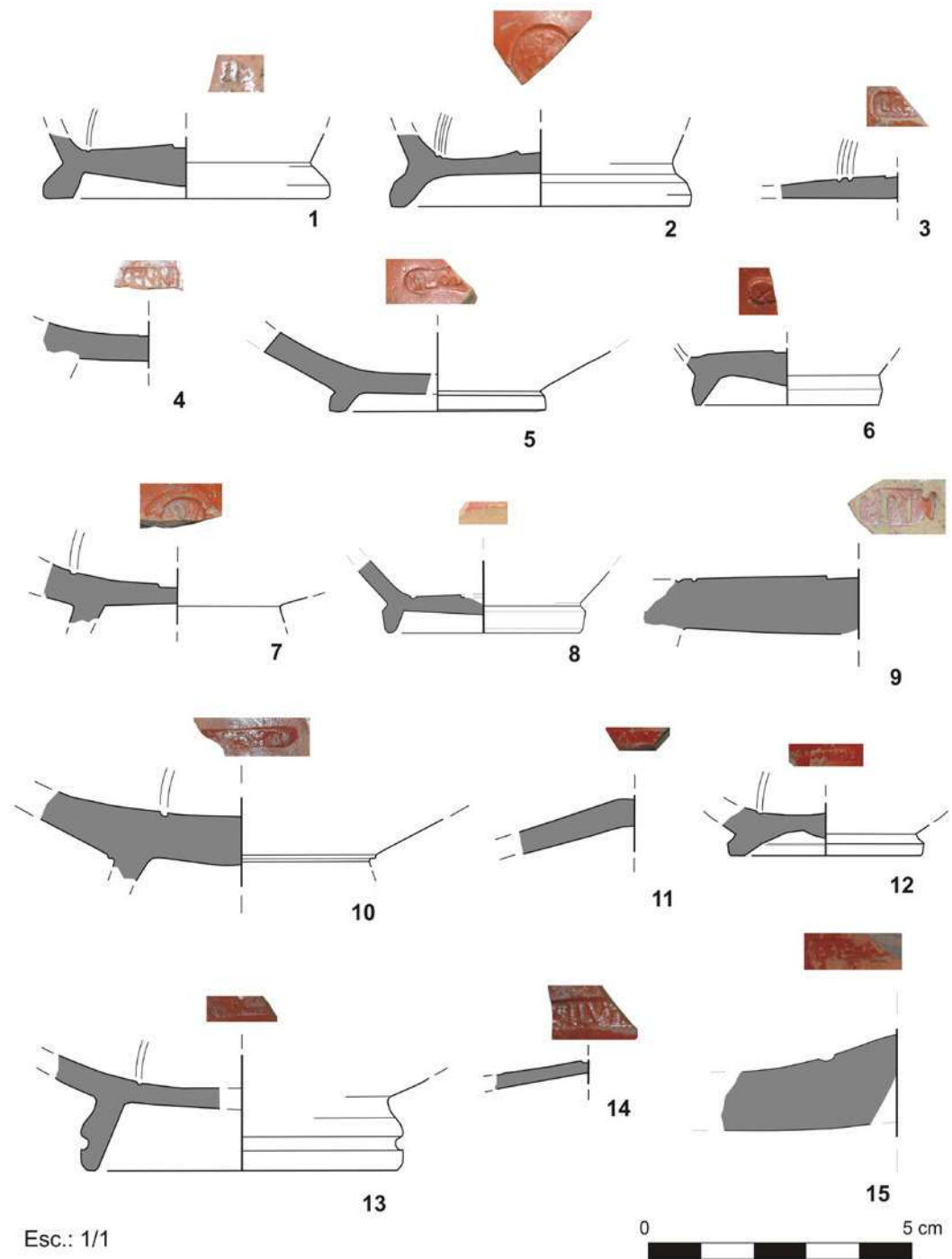


Figura 1 – Localização relativa de Vale de Tijolos no Estuário e Vale do Baixo Tejo Português.

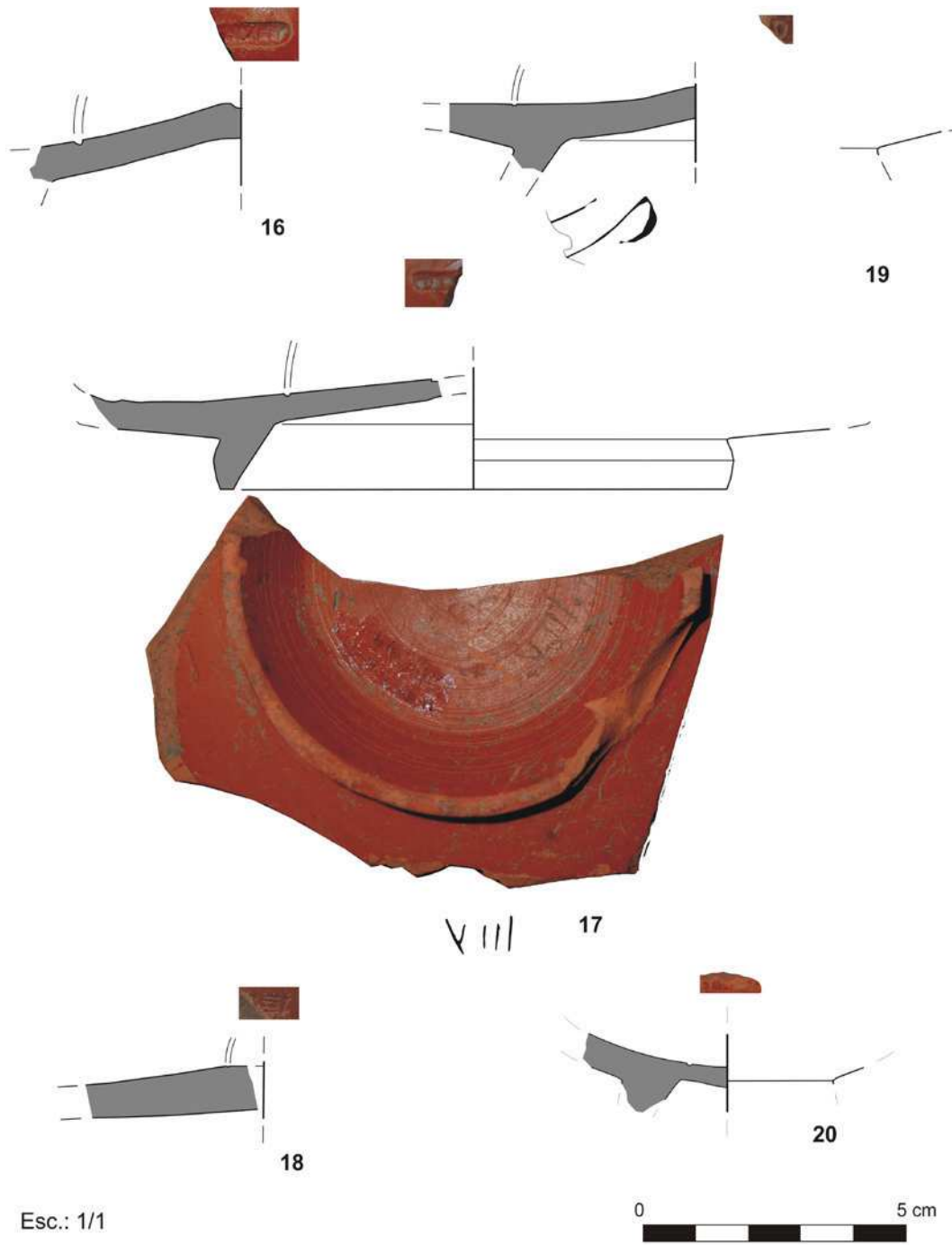
Estampa I



Estampa I- «Marcas de oleiro» das produções itálicas (1-9) e sud-gálica (10-15) de Vale de Tijolos.

Figura 2 – Estampa I – «Marcas de oleiro» das produções itálicas (1-9) e sud-gálica (10-15) de Vale de Tijolos.

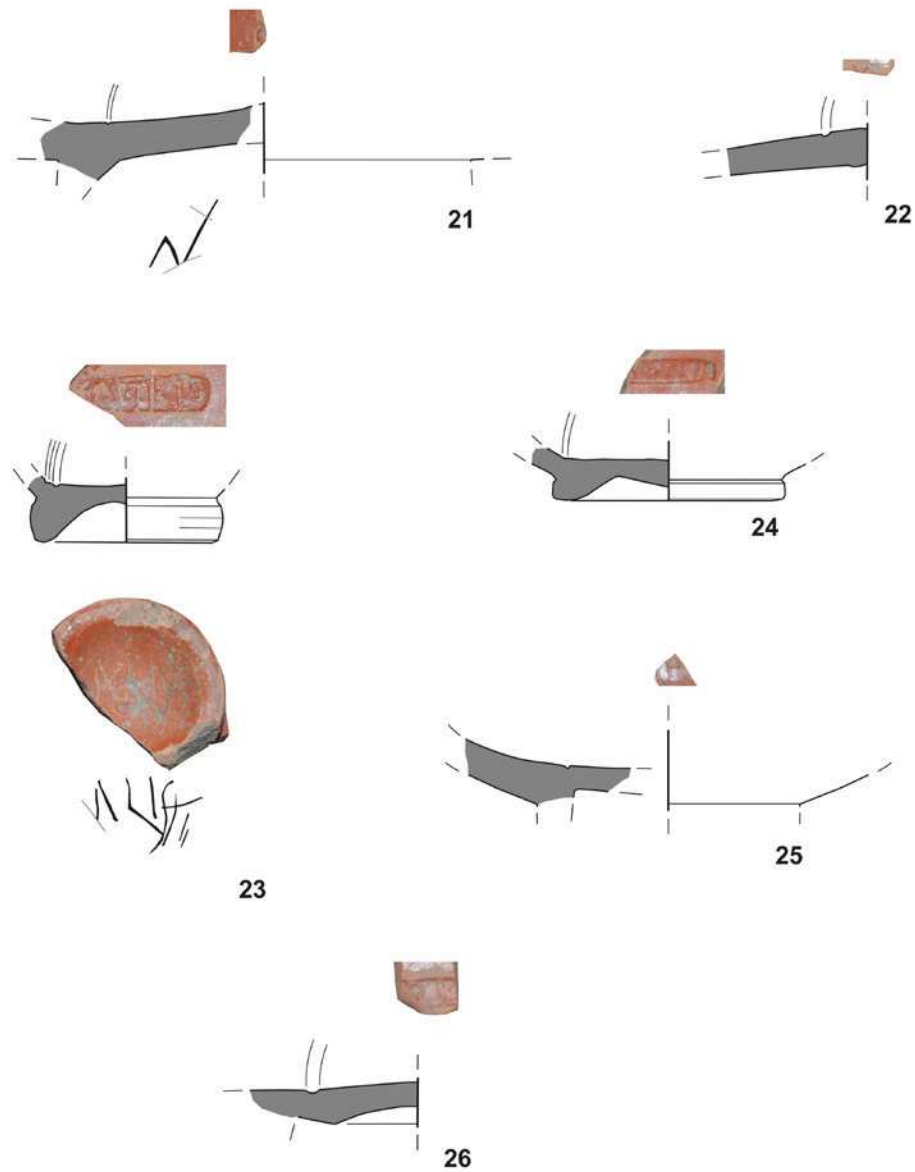
Estampa II



Estampa II- «Marcas de oleiro» da produção sud-gálica (cont.) (16-20) de Vale de Tijolos.

Figura 3 – Estampa II – «Marcas de oleiro» da produção sud-gálica (cont.) (16-20) de Vale de Tijolos.

Estampa III



Esc.: 1/1



Estampa III- «Marcas de oleiro» das produções sud-gálica (cont.) (21-22) e hispânica de La Rioja (23-26) de Vale de Tijolos.

Figura 4 – Estampa III – «Marcas de oleiro» das produções sud-gálica (cont.) (21-22) e hispânica de La Rioja (23-26) de Vale de Tijolos.